

LACAN E A TOPOLOGIA:
UM RETRATO DA MATEMÁTICA SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE
LACANIANA

Maria Isabel Afonso Melo

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DA COORDENAÇÃO DOS
PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DE ENGENHARIA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS
PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM CIÊNCIAS EM HISTÓRIA DAS
CIÊNCIAS E DAS TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA

Aprovada por:

Prof. . Ricardo Silva Kubrusly, Ph.D.

Prof^a. Ângela Rocha dos Santos, Ph.D.

Prof. Luís Alfredo Vidal de Carvalho, D.Sc.

RIO DE JANEIRO, RJ - BRASIL

MARÇO DE 2007

Capítulo 1

Considerações iniciais sobre Lacan

*“A vida passa, assim mesmo triunfa,
aconteça o que acontecer.”*

Jacques Lacan

Este capítulo tem como objetivo apresentar ao leitor um pouco da biografia de Jacques Lacan. É importante inserirmos esta biografia, pois vemos que a época na qual ele viveu e suas influências intelectuais contribuíram no desenvolvimento de sua teoria. Além disso, mostraremos um pouco de sua trajetória profissional e sua formação intelectual.

A seguir, discutiremos uma das maiores problemáticas dos últimos tempos. É a questão do episódio Sokal e seu ataque aos pensadores pós-modernistas. É evidente que não poderíamos deixar de mencionar esse fato, já que ao longo desta dissertação apresentaremos condições para que o leitor chegue ao fim do mesmo e tire suas próprias conclusões.

Sem dúvida, esse episódio deixou em evidência o trabalho de Lacan e contribuiu ainda mais para uma reação negativa a seu trabalho. Foram inúmeros os artigos de discussão sobre o assunto. E dessa forma, pretendemos mostrar um pouco de ambos os lados da discussão.

Finalmente, abordaremos algumas referências feitas por Lacan à matemática ao longo de seus seminários.

1.1 Conhecendo um pouco sobre Lacan

Antes de dar início às discussões sobre o seu trabalho, é de bom tom falarmos um pouco da biografia de Jacques Lacan. Nascido em Paris no dia 13 de abril, Jacques Marie Èmile Lacan foi o primeiro filho de uma típica família católica. Mas com um pouco mais de 20 anos, suas crenças religiosas não vingaram.

Iniciou seus estudos na faculdade de medicina e paralelamente, estudou literatura e filosofia. Inclusive seu interesse notório pela filosofia, contribui para sua solidificação intelectual. Uma de suas grandes leituras foi Hegel, o qual vemos influências notórias. Formou-se e especializou-se em psiquiatria, indo trabalhar em seguida como interno na Enfermaria Especial para alienados da Chefatura de Polícia.

Foi nesta ocasião que conheceu Gaétean de Clérambaut – diretor da enfermaria e seu orientador acadêmico. Anos mais tarde, Lacan reconheceu a importância dele como seu único mestre na psiquiatria.

Lacan seguiu seus estudos e em 1932, com a tese de doutorado: *La Psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité*¹; mostrou definitivamente sua erudição e interesse pela psicanálise.

Seguidor de Freud, Lacan retomou e, de uma certa forma, revolucionou a psicanálise numa época em que os preconceitos com este novo ramo, embargavam sua disseminação na França.

Como profundo conhecedor da obra de Freud, Lacan deu uma nova visão para o inconsciente. Para isso, os conceitos psicanalíticos foram re-elaborados através do estruturalismo e da lingüística. Nesta re-leitura fica evidente as influências de Saussure na lingüística e Lévi-Staruss na antropologia. Com os estudos nessas

¹ “A psicose paranóica em suas relações com a personalidade”, título em português

áreas, Lacan deduziu que a linguagem é a condição de existência do inconsciente e que ela só existe no sujeito falante. De uma certa maneira, Lacan contribuiu para a formalização da psicanálise, com o objetivo de reformular sua fundamentação epistemológica, assim como fez Lévi-Strauss na sua antropologia estrutural.

Lacan então começa um incessante estudo sobre o inconsciente. Para ele, a linguagem se estrutura como um conjunto de significantes e significados, onde o significante é independente do significado e é mais importante do que o significado².

No entanto, Lacan não se deu por satisfeito e se aventurou em uma nova modalidade do conhecimento. Foi na matemática, mais especificadamente na topologia, que sua mente em ebulição se saciou. Por volta dos anos 50, Lacan fez suas primeiras referências à matemática em suas palestras e seminários. Ele começou com a lógica e álgebra para finalmente, introduzir a topologia. Esta última, teve grande valor para seu trabalho.

Não podemos negar que depois de Freud (o pai da psicanálise), Lacan foi um dos psicanalistas mais conhecidos e fervorosos em sua atuação. Mesmo não sendo muito compreendido no meio psicanalítico, sua contribuição no que diz respeito a status, o elevam a uma condição de respeito.

Lacan fundou a Escola Freudiana de Paris em 1964. Após 16 anos, Lacan decidiu acabar com a instituição. Em seguida, funda a Escola da Causa Freudiana (1980). Naquela época, algumas pessoas acreditavam em sua insanidade. Teve contato com grandes mestres não só na psicanálise, como também no mundo artístico. Conheceu os grandes pintores surrealistas: Salvador Dalí e Pablo Picasso.

Morreu em Paris no dia 9 de setembro de 1981. Deixou uma série de seminários escritos por seus alunos e poucos discípulos fiéis à sua corrente um tanto quanto obscura. Seus poucos textos foram: Escritos, Outros escritos, Os complexos familiares e Televisão.

² “Ver artigo A estrutura do psiquismo” por Laura Battaglia



*Ilustração 1: Foto da carteira de estudante de Lacan.
Retirada do artigo O analista do futuro*

1.2 Sokal e Lacan: um entrave na História das Ciências

Muitos consideram Jacques Lacan como um dos maiores psicanalistas do século XX. Influente e polêmico, Lacan não passou despercebido na psicanálise e tão pouco na História das Ciências.

Com um estilo de linguagem obscura e uma forte aproximação pela matemática, Lacan recebeu uma série de críticas que repercutem até hoje. Uma delas, a qual abordaremos, foi a que causou um maior furor nos meios científico e acadêmico.

Em abril de 1996, Alan Sokal, professor de física na Universidade de Nova York teve seu artigo intitulado - “Transgredindo as fronteiras: em direção a uma hermenêutica transformativa da gravitação quântica”³ - publicado numa das revistas americanas mais importantes em difusão de idéias pós-modernistas: a Social Text. O conselho editorial autorizou a sua publicação pois o artigo se enquadrava no perfil científico e cumpria as exigências da revista. Inclusive, o artigo foi publicado numa edição especial, nos fazendo crer que o artigo fosse realmente extraordinário.

No entanto, o artigo estava repleto de absurdos que passaram imperceptíveis, por causa das inúmeras citações de autores franceses importantes.

³ *Trangressing Boudaries: Towards a Transformative Hermeneutics of Quantum Gravity*, título original em inglês.

Este artigo seguiu exatamente o perfil daqueles que estavam sendo criticados. Usava uma linha de linguagem de difícil compreensão e uma série de citações a influentes cientistas ou intelectuais de renome. Ou seja, o artigo parecia absolutamente rico de conteúdo devido à sua bibliografia e sua linguagem extremamente rebuscada. Além disso, o texto foi escrito por um físico conhecido em seu meio e que pareceu bastante engajado com a interdisciplinaridade de seus conhecimentos.

Num segundo momento, porém, Sokal publica o artigo que revelaria toda a farsa do trabalho anterior: “*Trangredindo Fronteiras: um pós-facio*”⁴. De imediato o artigo foi negado pela Social Text com a desculpa de que o texto não atendia aos padrões intelectuais da revista. De fato, essa não era a real causa da recusa, como veremos em breve. No entanto, Sokal não desistiu da publicação e mandou o texto para outra revista do mesmo gênero da primeira – Língua Franca, e conseguiu sua publicação. Começa então, uma das discussões mais polêmicas da História das Ciências. Vejamos um trecho do segundo artigo:

[...] meu artigo é uma mistura de verdades, meias verdades, um quarto de verdades, falsidades, falácias, e sentenças que, embora sintaticamente corretas, não têm, em absoluto, nenhum sentido. [...] Empreguei também algumas estratégias que são consagradas [...] no gênero: apelo à autoridade em lugar da lógica; teorias especulativas que passam por ciência estabelecida; analogias forçadas e até absurdas; retórica que soa bem mas cujo sentido é ambíguo; e confusão entre o sentido técnico e o corriqueiro das palavras.”
(Sokal, 1996)

Fica explícito o porquê da não publicação do artigo na Social Text. Como os

⁴ *Trangressing Boudaries*: ,título original em inglês.

editores de uma revista tão conceituada no seu gênero publicou um trabalho cheio de abusos científicos numa edição especial? Esta é a pergunta que Sokal queria que todos fizessem: como, até aquele momento, os textos de grandes pensadores franceses “enganavam”⁵ seus leitores? Será por causa da linguagem incompreensível ou pelo embasamento científico convincente?

Esse artigo foi o estopim para o início de uma série de discussões no meio acadêmico e intelectual sobre os abusos na ciência. Até onde o trabalho interdisciplinar pode afetar os conceitos dentro das “ciências duras”? No último artigo, Sokal criticou vários pensadores pós-modernos, todos franceses, por suas imprecisões científicas, linguagem obscura e sem sentido.

Mas a história não parou por aí. Com toda a repercussão de seus artigos, Alan Sokal junto-se ao físico belga Jean Bricmont para lançar um livro com análises mais específicas dos autores pós-modernistas como Julia Kristeva, Luce Irigaray, Bruno Latour, Jacques Lacan entre outros. O livro “Imposturas Intelectuais: o abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos”⁶ critica a cada capítulo, um pensador francês.

Antes de nos concentrarmos nas críticas a Lacan, especificadamente, levantaremos algumas questões acerca das críticas mais abrangentes, feitas por Sokal e Bricmont aos outros pós-modernistas.

Na introdução do livro, Sokal e Bricmont fazem uma lista de tópicos, revelando aos leitores o que será a espinha dorsal do livro, como observamos em suas próprias palavras:

“(1) falar abundantemente de teorias científicas sobre as quais se tem, na melhor das hipóteses, uma idéia extremamente confusa(...) (2) importar conceitos próprios das ciências naturais para o interior das ciências sociais ou humanidades, sem dar a menor justificação conceitual ou empírica (...) (3)

⁵ As aspas são para dar um sentido pejorativo. Um caráter de má fé.

⁶ *Impostures Intellectuelles*, título original em francês

ostentar uma erudição superficial ao atirar na cara do leitor, aqui e ali, descaradamente, termos técnicos num contexto em que eles são totalmente irrelevante (...) (4) manipular frases ou sentenças que são, na verdade, carentes de sentido.”
(Sokal e Bricmont, 1999)

Começaremos a elucidar a questão que diz respeito sobre a licença poética ou o papel das metáforas e analogias usadas pelos pensadores pós-modernistas. Diga-se de passagem, que este tipo de recurso não é somente usado por essas pessoas. Segundo Chevitarese⁷, eles afirmam que o objetivo dos pensadores mencionados é produzir teorias com embasamento nas ciências exatas e, é neste sentido que os criticam. É óbvio para eles, um uso leviano e até mistificador da ciência em seus textos.

Porém, os autores têm o cuidado de ressaltar sua despreensão em analisar o pensamento pós-modernista. Eles afirmam não ter nada contra as ciências sociais ou a filosofia, mas querem apenas *“prevenir aqueles que trabalham nessas áreas (principalmente estudantes) contra alguns casos manifestos de charlatanismo”*. Como Sokal poderia saber o real intuito de cada pensador, se ele mesmo afirma não ter conhecimento suficiente nas áreas de cada um. Em suas palavras:

“Estamos bem conscientes de que seremos criticados pela nossa falta de preparo filosófico formal”
(Sokal e Bricmont, 1999)

Além disso, surge a dúvida de como saber, o real intuito, de que cada autor citado pretendia com as ciências exatas. Ser confrontado com o novo ou algo que não se possa compreender de imediato, levou Sokal a dar um golpe baixíssimo em

⁷ Do artigo “A resposta que Derrida não concedu a Sokal: a desconstrução do conceito”

seus criticados.

Sokal foi levado a uma nova área do conhecimento que ele mesmo afirmou não ter conhecimento. E para surpresa de todos, seu desconforto deu lugar à sua presunção. Sokal pecou em atacar Lacan sem ao menos buscar sua compreensão e se levar pelo simples argumento de que com ou sem matemática, Lacan é difícil da mesma maneira.

Queremos ressaltar essa questão, para mostrar que os problemas filosóficos atinentes às ciências não são tão simples como parecem. E também, assim como Sokal, não podemos atacar todos os outros autores, pois os mesmos são de áreas diferentes e não nos interessam nesta dissertação.

Infelizmente, após todo esse episódio, a comunidade científica e acadêmica ficou dividida. De um lado, estão os pós-modernistas franceses, ditos sem conhecimento científico formal utilizando-o em suas teorias, muitas vezes sem preocupação nenhuma com o formalismo científico. Do outro lado, estão Sokal e sua turma de cientistas formais e rigorosos, com pouco conhecimento filosófico e epistemológico e sem nenhuma propensão a tê-los.

Realmente, todo trabalho com intuito interdisciplinar terá questionamentos quanto a sua validação. Sempre o profissional específico de uma determinada área encontrará algo a desejar num trabalho que propõe a interdisciplinaridade. Contudo, se esse pensamento unilateral prevalecesse, a ciência não teria recebido tantas contribuições para seu crescimento. Afinal, a ciência também cresce com os erros e discussões.

Assim, a partir deste momento, nos preocuparemos em entender se as posições tomadas pelos autores pós-modernistas foram a questão da busca pela cientificidade ou, simplesmente fizeram uso de termos matemáticos ou científicos, como um advento do livre pensamento. É pertinente nos perguntarmos se: será que eles (os pós-modernistas) buscavam a matemática, a física ou outra ciência exata para dar um cunho científico às suas teorias?

A resposta dada por Sokal e Bricmont em seu livro foi:

“ não vemos a utilidade de invocar metaforicamente, noções científicas muito mal dominadas para um público de leitores composto quase inteiramente de não-cientistas”
(Sokal e Bricmont, 1999)

Nesta última citação, vemos que a preocupação dos autores não é a metáfora em si, e sim, a validação da mesma aplicada às ciências sociais. O uso de analogias e metáforas é feito para facilitar a compreensão de uma teoria complexa ou até mesmo usado em nossa linguagem cotidiana. Uma metáfora bem composta, conduz o objeto que se quer designar a um âmbito semântico distinto, sem perder as características daquilo que foi evocado para referir-se ao objeto trabalhado.

É claro que, o cuidado em aplicar as mesmas regras de uma teoria científica no objeto metaforizado é desastroso. O objeto pode até ter características semelhantes à teoria, mas aplicar as mesmas regras científicas ao objeto é um passo muito além do permitido.

Não estamos aqui para julgar os outros autores, porém, até mesmo na matemática, por exemplo, onde se trabalha com muitas abstrações, as metáforas são frequentemente usadas. A esfera, por exemplo, é um objeto perfeito somente na nossa mente. Quando o reproduzimos ele perde sua principal característica: a perfeição. E mesmo assim, o cuidado em interpretá-las não é obstante.

Mas não foi isso que Lacan fez. Ele em poucos momento fez uso da matemática através de metáforas. Pelo contrário, ele a utiliza como interpretação, como um modelo para estruturar seu discurso. Os símbolos matemáticos passam a ser tratados como objetos de interpretação sob um ponto de vista psicanalítico.

Uma pessoa com uma boa leitura lacaniana sabe que a grande máxima de sua teoria é “o inconsciente é estruturado como linguagem”. Esta afirmação deixa claro o que

mais aflige sua mente: a compreensão e concepção de uma estrutura psíquica. E aqui a palavra “estrutura” está no sentido de estabelecer uma ligação conceitual com a topologia.

Assim, observamos que a real preocupação de Sokal é denegrir a imagem de Lacan. E o mesmo se espelha numa força audaciosa para delimitar as fronteiras do conhecimento científico e de dizer detentor da verdade científica.

Sua arrogância o leva a uma preocupação impertinente em saber o quão será produtivo o papel da matemática na teoria lacaniana. Mas será que esta preocupação não desrespeita a comunidade psicanalista? Ou ele mais uma vez, se acha na condição de detentor da verdade?

Sabemos que dentro da comunidade psicanalítica, muitos foram e são os seguidores⁸ de Lacan. Inclusive, a preocupação em esclarecer os conceitos matemáticos e dar uma nova abordagem foram cuidadosamente feitos. Até nos dias atuais, encontramos pesquisadores a serviço da teoria lacaniana.

Temos plena convicção que Sokal deu um tiro no escuro ao criticar o estilo e querer atingir o conteúdo de Lacan. Até mesmo os lacanianos, têm consciência de que o estilo lacaniano é difícil de ler e entender. Porém ele se utiliza desse estilo em seu ensino⁹. Lacan como professor pode não ter desempenhado seu papel pedagógico tão bem, porém conseguiu despertar a dúvida em público. E se pensarmos em termos educacionais, é na dúvida onde nasce o conhecimento.

Segundo Fink¹⁰, em suas próprias palavras, Lacan:

"procura obter certos efeitos no leitor que não sejam efeitos de significado: ele procura nos despertar, nos provocar, nos perturbar — não nos embalar e sim nos sacudir para fora de nossas rotinas conceptuais. Consequentemente, sua intenção é

⁸ Alguns nomes: Juan – David Nasio, Marc Darmon, Jacques – Alain Miller, Jean – Michel Vapperau

⁹ Ver tese de doutorado Francisco Fernandes

¹⁰ Bruce Fink

nos fazer trabalhar, nos lembrar que não compreendemos o que pensamos que compreendemos (sejam os textos de Freud que dão a ilusão de serem fáceis, ou os discursos de nosso analisando), e que talvez tenhamos que fazer várias tentativas para expressar ou conceituar algo, e mesmo assim nossa interpretação será apenas aproximadamente correta: ainda assim erraremos o alvo."

(FInk, 1997)

A postura negligente de Sokal e Bricmont só nos leva a crer que de nada conhecem Lacan e sua pesquisa. E o pior: se valem de uma autoridade para distorcê-la. Lacan possuía uma postura muito socrática. Parecia estar em praça pública palestrando para quem quisesse ouvi-lo. Talvez Lacan tenha errado como professor, no sentido de não ser organizado com suas idéias a ponto de transmiti-las de maneira coerente. Talvez Fink, esteja correto, dizendo que seu estilo provocador teria sido intencional.

Contudo, uma das lições que podemos tirar de toda essa discussão, é o fato de que, se Lacan já era visto como um pensador de idéias confusas e inverossímeis, após todo esse episódio, Lacan e os outros pensadores saíram mais massacrados ainda. Sokal e Bricmont conseguiram causar reações negativas aos textos desses autores.

Quem lê um texto de Lacan pela primeira vez tem muita dificuldade em interpretá-lo. Se no meio psicanalítico, nem todos são favoráveis a seus textos, imagine para os estudantes ou leitores interessados no assunto? À primeira vista, seu próprio nome já causa uma certa reação involuntária.

Há também alguns psicanalistas que acreditam¹¹ na hipótese, de que Lacan escolhe a opção de ter uma linguagem obscura e de pouca compreensão. Talvez seja

¹¹Vide citação da tese de doutorado de Francisco Leonel: "Lacan é intencionalmente problemático semanticamente."

esse um dos seus primeiros ensinamentos. Para entendermos a mente humana, sua estrutura, adequadamente, precisamos de mais de uma simples leitura. Precisamos justamente levantar questionamentos e interpelar sua semântica.

Sokal e as pessoas do meio científico estão acostumadas com outro tipo de texto. É um texto direto, claro e objetivo. Na ciência, não é necessário esconder erros. Tudo pode ser publicado e tornar-se um trabalho válido. A ciência não precisa de divagações. Ela precisa de fatos e experiências que tanto caminhem para o certo quanto para o duvidoso.

E essa é uma das maiores diferenças, ou talvez a maior, entre Sokal, Lacan e os pós-modernistas. É em sua escrita, em seu estilo e conteúdo. Acredita-se¹² que uma forte ligação entre Lacan e os outros pós-modernistas, seja o fato de todos serem franceses. O que nos leva a perguntarmos, se agora não seria então uma questão sócio-cultural? Sokal e Bricmont mencionam algo ainda na introdução de seu livro, como vemos a seguir:

“nosso livro enfrenta um contexto institucional inteiramente diferente na França e no mundo da língua inglesa. Enquanto os autores por nós criticados têm tido uma profunda influência na educação superior francesa e dispõem de numerosos discípulos na mídia, nas editoras e na intelligentsia – daí algumas furiosas reações ao nosso livro -, seus equivalentes anglo-americanos são ainda uma minoria encastelada dentro dos círculos intelectuais”

(Sokal e Bricmont, 1999)

Surge então, um triste retrato do que também poderia ter levado Sokal a esse episódio. Não podemos descartar a hipótese de que essa discussão tenha um

¹² Do artigo ...

fundo sócio-cultural e não epistemológico. No entanto, não entraremos nos detalhes sobre este assunto, pois isso requer uma outra pesquisa e no momento, não é esse o foco do trabalho.

Finalmente, o que pretendíamos com o episódio Sokal era mostrar o quão importante é a discussão sobre o uso de conceitos científicos em áreas humanas. Não compartilhamos da idéia radical de Sokal e Bricmont. Seus argumentos muitas vezes são desrespeitosos e agressivos. Mas devemos levar em consideração que o desmascaramento feito por eles não foi importante pelos pensadores escolhidos ou o enfoque sensacionalista, e sim pelo questionamento sobre a pesquisa interdisciplinar.

1.3 Lacan e seu *affair* com a Matemática: uma breve introdução

Neste tópico, buscaremos mostrar as críticas feitas por Sokal diretamente ao trabalho de Lacan. Assim como Sokal, evitaremos entrar no enfoque estritamente psicanalítico da obra de Lacan. Apesar de que, ao longo da dissertação, abordaremos algumas passagens de seu texto. Nos preocuparemos agora, em fazer uma análise mais superficial à algumas referências matemáticas no seu trabalho e tentar entendê-las.

O interesse de Lacan pela matemática se consolidou, mais profundamente, com os objetos topológicos. Antes disso, ele já fazia uso de uma álgebra destituída de significado e de uma lógica não – clássica em alguns discursos. Porém, com a topologia, Lacan pôde usá-la, como um recurso mais completo, na exemplificação de suas teorias sobre o inconsciente. Sua principal intenção é estruturá-lo e visualizá-lo através das superfícies topológicas.

Veremos, ao longo do trabalho, que não só a topologia como também as outras referências matemáticas usadas por Lacan são introdutórias e muito intuitivas.

Mas de qualquer maneira, para um leitor leigo em matemática, o assunto não deixa de ser árduo e penoso. Para a topologia, em particular, é pior, pois é um tópico da matemática que não é ensinado nas escolas. O que provoca ainda mais um distanciamento de seu público.

Assim, pretendemos mostrar neste trabalho, que as muitas referências que Lacan fez à matemática foram de cunho intuitivo, porém, em algumas ocasiões, confusas no ponto de vista matemático. Acreditamos que Lacan tenha feito um vasto estudo na área e que teve a ajuda de um matemático¹³ para ensiná-lo as idéias e noções intuitivas da mesma. Mesmo assim, seu “affair” com a matemática não teve êxito em todos os seus trabalhos, se os submetermos à lógica clássica. Sabemos que a matemática é regida pela lógica clássica, e a mesma não se aplica às teorias lacanianas.

Por isso, sabemos que para analisar ou criticar um trabalho, precisamos conhecê-lo e entendê-lo. E é exatamente esta posição, contrária a de Sokal, que pretendemos tomar. Antes de afirmar o uso (in) devido da matemática tentaremos compreender o porquê de sua escolha.

No livro, *Imposturas Intelectuais*, o primeiro capítulo é inteiramente dedicado à Lacan. Ainda no início do mesmo, Sokal nos mostra um trecho retirado de um congresso dos anos 50, sobre o tema “ As linguagens da crítica e as ciências do homem”, em que Lacan faz uma de suas primeiras referências à matemática. Eis o trecho:

“Este diagrama [a fita de Möebius] pode ser considerado a base de uma espécie de inscrição essencial na origem, no nó que constitui o sujeito. Isto vai muito além do que à primeira vista se possa pensar, porquanto se pode procurar uma espécie de superfície em condições de receber tais inscrições. Pode-se verificar, talvez, que a esfera, esse velho símbolo da totalidade,

¹³ Jean – Michel Vapperau foi o que mais ajudou Lacan.

é inadequada. Um toro, uma garrafa de Klein, uma superfície cross-cut são suscetíveis de receber semelhante corte. E esta diversidade é muito importante, pois explica muitas coisas sobre a estrutura da doença mental. Se o sujeito pode ser simbolizado por este corte fundamental, da mesma maneira se poderá mostrar que um corte num toro corresponde ao sujeito neurótico, e um corte numa superfície cross-cut, a outra doença mental.”

(Lacan, 1970)

Fica claro neste trecho, o conhecimento das diferentes superfícies topológicas por Lacan. No entanto, não temos garantia de seu conhecimento em relação às propriedades matemáticas de cada uma. Porém, será que isso faz diferença para para o que ele propõe?

Há de convir que Lacan pecou na sua despretensão de que tudo é muito claro e livre de maiores explicações. Em nenhum momento, ele fez uma breve introdução aos conceitos matemáticos para seu público. Como um leitor leigo em matemática vai associar estes objetos com as estruturas mentais propostas por Lacan? Se sua linguagem já é confusa para muitos psicanalistas, imagina para os leitores (estudantes, em geral) quando durante o texto surge conceitos matemáticos de difícil acesso?

Como já havíamos dito é tudo uma questão de pedagogia. Esse sim, poderia ser um argumento para criticá-lo. Lacan se utiliza de um estilo confuso propositalmente. E na verdade, o que Sokal parece sempre estar criticando é sua ignorância sobre o assunto.

Lacan não se deu por satisfeito com algum ensejos da matemática em seus seminários. Os objetos topológicos passaram a figurar frequentemente seus trabalhos, além de outros vocábulos associados à topologia. Infelizmente, essas

referências surgem sem nenhuma explicação ou pelo menos, uma indicação de leitura inicial. Mas para os seus fiéis discípulos, isso não foi empencilho.

Talvez ele soubesse o que estava fazendo, ao ensinar o conteúdo psicanalítico dessa maneira. Talvez a ferramenta topológica usada para facilitar a visualização de suas idéias tenha confundido ainda mais seus alunos. O que não é nada absurdo, visto seus Seminários. Todo o material dos Seminários foi escrito por seus alunos e diga-se de passagem, é um material difícil de entender à primeira leitura.

No entanto, o uso de termos científicos no ensino ou na teoria da psicanálise não se deu primeiramente com Lacan. Segundo Fernandes, Freud flertou com o campo da física, mais precisamente sobre a questão do movimento no Projeto¹⁴ como podemos ver no trecho abaixo:

“A intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas e matérias especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição. Duas são as idéias principais envolvidas: [1] A que distingue a atividade do repouso deve ser considerada Q, sujeita às leis gerais do movimento. (2) Os neurônios devem ser encarados como as partículas matérias.

Onde se abrigam as qualidades? Não no mundo externo. Pois lá, segundo o parecer da nossa ciência natural, à qual também devemos submeter a psicologia aqui [no Projeto...], só existem massas em movimento e nada mais.

(Freud, 1895[1950])

Freud não recebeu duras críticas por causa dessa citação, pelo menos nos

¹⁴ Projeto para uma psicologia científica - 1895

artigos pesquisados neste trabalho, sobre os embustes da ciência. Há de convir que sua referência é breve e nem um pouco polêmica para os críticos, porém foi o suficiente para mostrar que Lacan não foi o primogênito a referências desse tipo.

Com Lacan, a teoria psicanalítica teve novo rumo. Sendo o último intérprete de Freud, ele conseguiu não só renovar a teoria como a prática psicanalítica. Lacan fez uma re-leitura na teoria freudiana e a reconduziu às suas bases matemáticas propondo então a topologia e a lógica.

Essa re-leitura, como estamos vendo, levou a psicanálise à tona na história novamente. Sokal realmente não transparece nenhum conhecimento sobre a história da psicanálise. E nem se preocupa com isso. Para ele é indiferente se Lacan está fazendo uma re-leitura ou criando a sua própria teoria psicanalítica.

Realmente não podemos nos apegar a essa questão, pois isso não é motivo para fazer uso dos conceitos científicos. Essa seria uma questão, e de suma importância, relevante para a consideração da psicanálise ser ou não uma ciência. E Sokal se mostra mais preocupado com isso, do que com a história. Ele nos mostra em seu livro que nem com o passar dos anos, Lacan desiste da idéia de buscar a matemática. Pelo contrário, ele cada vez mais se mostra entusiasmado com seus estudos sobre a topologia.

Numa conferência de 1972, Lacan novamente volta a falar da topologia. Vejamos o trecho retirado da mesma, a seguir:

“ Nesse espaço de jouissance [gozo], apoderar-se de algo que é limitado, fechado [borné, fermé], constitui um locus [lieu], e falar dele é uma topologia.”

(Lacan, 1972)

Em apenas uma frase, Lacan usou quatro termos técnicos da matemática: espaço, limitado, fechado, topologia. Analisando matematicamente, é claro que não

há significado algum. Mas não podemos ser tão radicais como Sokal e Bricmont para interpretar a frase unicamente desse ponto de vista.

No livro, eles fazem questão de ressaltar que Lacan não dá nenhum embasamento teórico quanto a “jouissance” ser considerada um espaço no sentido matemático. No entanto, eles mesmos afirmam não possuir nenhum conhecimento na área da psicanálise. Lendo e interpretando a frase de uma maneira otimista, poderíamos dizer que Lacan pretendia mostrar que a “jouissance” é apalpável, localizável. Não é algo que foge das nossas mentes.

Essa é apenas umas das inúmeras interpretações. Buscaremos, interpretar se possível, alguns usos plausíveis da matemática no trabalho de Lacan. Voltaremos oportunamente à topologia mais adiante. Agora elucidaremos algumas referências a álgebra e a lógica na sua obra.

O caso de Lacan com a matemática não foi de modo algum passageiro. Lacan foi tomando gosto e passou a flertar com diferentes tipos de áreas. Contudo, podemos afirmar que Lacan se esforçou como estudante em matemática, principalmente na álgebra. Mesmo assim, um seminário de 1959, Lacan parece cometer um erro basal:

“Se vocês me permitirem usar uma destas fórmulas que me ocorrem quando escrevo minhas anotações, a vida humana poderia ser definida como um cálculo no qual o zero seria irracional. Esta fórmula é apenas uma imagem, uma metáfora matemática. Quando digo “irracional”, não estou me referindo a algum estado emocional insondável, mas exatamente aquilo que é chamado número imaginário. A raiz quadrada de menos um não corresponde a nada que esteja sujeito à nossa intuição, nada de real – no sentido matemático do termo, e no entanto precisa ser mantida, juntamente com suas funções completas”

(Lacan, 1959)

Lacan confundiu (ou não) a definição estritamente matemática de número irracional¹⁵ e número imaginário¹⁶. Porém ele nos leva a crer em alguma semelhança quanto aos dois números. Essa confusão, contudo, se torna plausível no sentido de nos conduzir a idéia desses números. Ele busca uma ligação na origem desses números, na necessidade de criá-los.

E se pensarmos em termos históricos, vemos que o obstáculo da irracionalidade também se fez presente no caso dos números imaginários. É familiar aos dois números – irracional e imaginário – o caráter de impossibilidade operacional. Essa não-existência de resultados operacionais dos objetos ao qual são submetidos é que os conduzem à uma mesma problemática.

No entanto, Lacan deixou claro o uso da metáfora nesse discurso. Ele não afirma usar uma fórmula matemática para sacramentar suas idéias no campo científico, ele a usa como uma imagem e até mesmo como um recurso didático com o propósito que já mencionamos no parágrafo acima.

Continuando na busca de referências matemáticas, vemos que não foi com a topologia que Lacan iniciou o ensino de psicanálise por meio de modelos matemáticos. Segundo o artigo de Armelindo Boff¹⁷, antes de começar com seus seminários, Lacan já fazia uma breve asserção à teoria dos jogos e um exercício de lógica para “formular a estruturação do tempo lógico como apresentação sucessiva de três tempos: o instante de olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir”¹⁸.

Ao mesmo tempo que o ensino da psicanálise teve uma visão diferente com Lacan, ou até uma ruptura com os paradigmas anteriores com uma visão mais

¹⁵ É um número real que não pode ser obtido pela divisão de dois números inteiros.

¹⁶ É um número complexo cuja parte real é igual a zero. Sua definição foi dada por René Descartes em 1637 no seu *La Géométrie*.

¹⁷ “Epistemologia e Topologia Lacaniana”

¹⁸ Grifos do autor

aplicável, que busca o real, o levou a estruturar sua teoria com um formalismo científico intrínseco. Porém, difícil concluir se Lacan teve realmente alguma intenção em “matematizar” a psicanálise para lhe dar base científica.

Voltando às referências em seu trabalho, podemos citar algumas nas quais, como diz Sokal, Lacan “agride menos a matemática”. Inclusive, ele nos mostra seu conhecimento na área de filosofia da matemática e indução matemática.

Mostraremos o mesmo trecho abordado no Imposturas Intelectuais:

“Há quinze anos venho ensinando meus alunos a contar no máximo até cinco, o que é difícil (quatro é mais fácil), e eles entenderam pelo menos isso. Porém, nesta noite, permitam-me permanecer no dois. Naturalmente, o que vamos tratar aqui diz respeito à questão dos números inteiros, e essa questão não é simples como, penso, muita gente aqui já sabe. É necessário ter, por exemplo, certo número de conjuntos e uma correspondência um a um ... Contar não é um fato empírico, e é impossível deduzir o ato de contar a partir de dados empíricos somente. Hume tentou, mas Frege demonstrou perfeitamente a inépcia da tentativa. A real dificuldade reside no fato de que todo número inteiro é em si mesmo uma unidade. .. Quando tentam ler as teorias dos matemáticos sobre os números, vocês deparam com a fórmula “n mais 1” ($n + 1$) como fundamento de todas as teorias.”

(Lacan, 1970)

Vemos que Lacan estudou o início da Teorias dos Conjuntos. Já dissemos que não duvidamos de seu conhecimento matemático, pelo contrário, temos plena consciência de seu conteúdo. Porém, muitos psicanalistas se sentem incomodados

quando seu ego infla e começa a fazer alusões com a psicanálise. Este sim, é um momento delicado e de consequências desastrosas. Pois é, neste momento, que podem surgir as dúvidas e provocar um alarde em pessoas como Sokal, para afirmarem a existência de embustes em sua teoria.

“É esta questão do “uma mais” que se torna na chave da gênese dos números, e, em vez desta unidade unificadora que constitui o dois no primeiro caso, proponho que se considere dois na verdadeira gênese numérica do dois.

É necessário que esse dois constitua o primeiro inteiro que ainda não nasceu como número antes que o dois surgisse...O que temos aqui é algo que eu poderia chamar de marca. Você deve ter alguma coisa que esteja marcada ou algo que não esteja marcado. É com a primeira marca que adquirimos o status da coisa.”

Neste trecho, Lacan se refere ao nascimento, à construção dos números como uma *marca*. Ele nos mostra que, esta é necessária, para demarcar um lugar de início. Até aí, tudo bem. Todos nós sabemos, ou pelo menos deveríamos, da existência de demarcações. No entanto, suas divagações começam a ficar nebulosas, quando introduz, então, a ligação dos números com psicanálise.

“A questão do dois é para nós a questão do sujeito, e nesse ponto nós atingimos um fato da experiência psicanalítica, dado que o dois não completa o um para fazer dois, mas deve repetir o um para permitir que o um exista. Essa primeira repetição é a única necessária para explicar a gênese do número, e é necessária só uma repetição para constituir o status do sujeito.

O sujeito inconsciente é algo que tende a se repetir, mas só uma repetição é necessária para constituí-lo...

Como e por quê o sujeito inconsciente tenderá seguir o mesmo raciocínio dos números? Com que suporte ele traça essa ponte? Os discípulos de Lacan que tiveram mais êxito ou paciência em ler e reler sua teoria, certamente compreenderam a essência do inconsciente do ponto de vista de seu mestre. Mas será que a matemática embutida nessas explicações foram totalmente absorvidas? Isso requereria anos de estudo e dedicação. E sabemos que até hoje, muitos pesquisadores o fazem procurando sempre uma abordagem mais clara e lacônica.

Continuando no mesmo seminário, ele diz:

“No meu tempo, ensinava-se às crianças que não se deviam somar, por exemplo, microfones com dicionários; mas é um total absurdo, porque não haveria adição se não fôssemos capazes de somar microfones com dicionários ou, como diz Lewis Carroll, repolhos com reis. A identidade (sameness) não está nas coisas, mas na marca que torna possível adicionar coisas sem nenhuma consideração pelas suas diferenças. A marca tem o efeito de apagar a diferença, e esta é a chave daquilo que acontece com o sujeito, o sujeito inconsciente na repetição; porque vocês sabem que este sujeito repete algo peculiarmente significativo, o sujeito está aqui, por exemplo, nesta coisa obscura que denominamos, em alguns casos, trauma ou prazer delicioso.”

Poderíamos interpretar essa *marca*, como um símbolo representativo do ser. Algo universal e único do ser. Tomemos como exemplo, muito bobo inclusive, a adição do número de mulheres loiras com o número de mulheres morenas num

determinado recinto. Podemos efetuar esta operação pois a cor do cabelo não importa, e sim, o fato de todas serem mulheres.

Na matemática, deixamos bem claro, que a soma de x com y não pode ser feita pois x e y são símbolos. Eles representam entidades diferentes. E por isso, só podemos representá-la simbolicamente por $x + y$. É inútil somarmos 7 reis com 5 repolhos e tentarmos obter como solução um número que o represente. Esta soma não nos dará nenhuma resposta além da própria sentença matemática.

Lacan faz referência também ao paradoxo de Russel¹⁹, no momento em que tenta relacionar lógica matemática com lingüística.

“A diferença propiciada pela existência da linguagem é que cada significante (contrariamente à característica unitária do número inteiro) é, na maioria dos casos, não-idêntico a si mesmo – precisamente porque temos uma coleção de significantes, e nesta coleção um significante pode ou não se designar a si mesmo. Isto é bem conhecido e é o princípio do paradoxo de Russel. Se se tomar o conjunto de todos os elementos que não fazem parte de si mesmos,

x não pertence x

o conjunto que se constitui com tais elementos conduz a um paradoxo que, como se sabe, leva a uma contradição. Em termos simples, isto apenas significa que num universo de discurso nada contém tudo, e aqui se encontra outra vez a separação que constitui o sujeito. O sujeito é a introdução de uma perda na realidade, porém nada pode introduzir isso, já que pelo status a realidade é tão plena quanto possível.”

¹⁹ Vide livro Teoria Ingênua dos Conjuntos – Paul R. Halmos

(Lacan 1970)

Vemos que este foi um seminário carregado de matemática. Lacan dispara sem preocupação diversos conceitos e paradoxos matemáticos. Sokal não o deixa por menos, e o ataca de maneira direta e sem piedade: “Poderia Lacan ter o intuito de impressionar o público com uma erudição superficial?”²⁰

Acreditamos que a resposta dessa pergunta já tenha sido respondida parcialmente. A partir deste momento, investigaremos um pouco mais a teoria lacaniana à luz de um conhecimento sem preconceito.

Não podemos negar que a mente de uma pessoa que estudou diversas áreas do conhecimento, teve contato direto com artistas surrealistas, seja uma mente sã e inteligível. O artigo de Dunker²¹, corrobora esta teoria ao afirmar que no fim de sua vida, Lacan já estava bastante doente e que para alguns ele perdera a sanidade. Mesmo assim, não podemos deixar de acreditar no seu poder de aprendizagem e na sua intelectualidade. No entanto, com o passar do tempo temos a triste constatação de que mentes desse tipo declinam a um obscurantismo.

Talvez Lacan tenha perdido o senso de seus discursos e seu público conseqüentemente. Talvez ele realmente quisesse exaltar sua erudição e mostrar a seus alunos o quanto eles precisam estudar para acompanhá-lo. Ou não. Talvez seja injusto que uma mente tão arrebatadora de idéias e conhecimento se oculte atrás de uma prática clínica. É tudo uma questão de subjetividade.

Se Lacan não teve uma grande aceitação por suas idéias nos meios acadêmicos ou científicos, ele conseguiu colocar a psicanálise em evidência e associá-la a questões de diferentes meios de conhecimento: lingüística, antropologia, matemática e educação.

No próximo capítulo, procuraremos traçar um paralelo da busca pelo real lacaniano com o real da matemática. Se olharmos de maneira otimista, na verdade,

²⁰ Sokal e Bricmont em *Imposturas Intelectuais*

²¹ Do artigo *O romance de formação do analista*

todos procuram de maneiras diferentes, os objetos faltosos que impedem a nossa completude.